

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO SOB PERSPECTIVA DE GÊNERO E CLASSE: O SER MULHER IDOSA NO MUNICÍPIO DE MACAÉ, RJ

*The aging process from a gender and class perspective:
being an elderly woman in the municipality of Macaé, RJ*

Ketnen Rose Medeiros Barreto *
Universidade Federal Fluminense

Karla Dias Barbosa **
Universidade Federal Fluminense

Resumo

O artigo discute a realidade de mulheres idosas e pobres, no contexto da sociedade capitalista, com foco no município de Macaé, RJ, ponto de partida da pesquisa realizada junto ao grupo de idosos do CRAS Lagomar. Origina-se das experiências do Estágio Curricular em Serviço Social. O texto discute o processo de envelhecimento de mulheres em situação de pobreza, analisando como as desigualdades sociais influenciam as condições de vida e acesso a direitos, num contexto de contradições capitalistas. Neste, a pobreza, como expressão da questão social, manifesta-se de formas distintas entre os indivíduos e impacta diretamente no processo de envelhecimento, que se manifesta de modo desigual, e o alcance da longevidade está associado às condições materiais de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Gênero. Pobreza.

Abstract

This article discusses the reality of elderly and poor women in the context of capitalist society, focusing on the municipality of Macaé, RJ, starting from research conducted with the elderly group at CRAS Lagomar, based on experiences from the Social Work Internship. The text discusses the aging process of women in poverty, analyzing how social inequalities affect living conditions and access to rights within a context of capitalist contradictions. Poverty, as an expression of the social question, manifests itself in different ways among individuals and directly impacts the aging process, which manifests itself unevenly, where the achievement of longevity is associated with material living conditions.

KEYWORDS: Aging. Gender. Poverty.

Introdução

Este artigo versa sobre a realidade de mulheres idosas e pobres, usuárias da Política de Assistência Social, a partir de elementos que envolvem o ciclo de pobreza na sociedade capitalista, com foco no município de Macaé, RJ. A temática tem, como origem, as experiências e observações realizadas junto ao grupo de idosos do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do bairro Lagomar, em Macaé (RJ), buscando, na pesquisa de natureza quantitativa e qualitativa, o aprofundamento de dados que culminou com a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso¹.

O texto discute o processo de envelhecimento de mulheres em situação de pobreza, analisando como as desigualdades sociais estruturam suas vivências, condições de vida e acesso a direitos, especificamente no território do Lagomar. Para isso, analisamos o envelhecimento como processo multifacetado, buscando compreender como a pobreza e suas expressões recaem sobre as mulheres idosas.

A pobreza, como expressão da questão social, manifesta-se de formas distintas entre os indivíduos, e reconhecer essa heterogeneidade nos ajuda a compreender as diferentes camadas das desigualdades e seu impacto nos diferentes grupos sociais. Nessa perspectiva, pensar o envelhecimento significa reconhecer que ele ocorre de maneira desigual, e o alcance da longevidade está associado às condições materiais de vida.

As mulheres, em particular, enfrentam desafios que perpassam a questão de classe, o que torna fundamental a compreensão do envelhecimento sob um recorte de gênero, de modo a revelar como a sociedade patriarcal organiza e reproduz desigualdades que impactam diretamente na velhice feminina.

O fenômeno do envelhecimento populacional é uma realidade que precisa ser amplamente estudado e publicizado, frente ao expressivo aumento do número de idosos na sociedade e das inúmeras demandas que esse processo traz consigo. Tal questão se torna ainda mais preocupante quando se pensa na mulher idosa e pobre, cujos desafios são ainda mais graves.

Nesse contexto, focaremos no bairro do Lagomar, na condição de território de vulnerabilidade do município de Macaé, RJ, buscando retratar as desigualdades e contradições de uma cidade “rica” em arrecadação, porém que ainda vivencia inúmeras expressões da questão social, em especial, a pobreza. Trata-se de uma abordagem analítica, que busca, através de dados coletados junto a mulheres idosas, discutir o envelhecimento para além de seus aspectos positivos e negativos, e sim de uma reflexão crítica que pensa a velhice em suas complexidades e contradições.

¹ Instituição do Estágio Curricular em Serviço Social durante os anos de 2023/2024.

O processo de envelhecimento na sociedade do capital

O envelhecimento é um processo gradual e inerente à vida humana, sendo a velhice, ou terceira idade, a etapa em que os indivíduos enfrentam maiores desafios relacionados à condição etária. Segundo Castamann, Dias e Silva (2022), trata-se de um processo biopsicossocial marcado por transformações físicas, cognitivas e emocionais, como mudanças na aparência, redução da resistência física e, em alguns casos, comprometimento da capacidade cognitiva. Embora natural, o envelhecimento não ocorre de maneira homogênea, sendo influenciado por aspectos culturais, econômicos, étnico-raciais, de gênero e de classe social. Assim, as condições concretas de vida interferem diretamente na forma como os sujeitos experienciam essa etapa da existência.

Teixeira (2018) aponta que os avanços teórico-metodológicos possibilitaram diferentes interpretações sobre o envelhecimento. De um lado, encontram-se perspectivas positivistas, que tendem a universalizar e homogeneizar a velhice; de outro, abordagens críticas, que compreendem o fenômeno em sua complexidade e singularidade. A autora defende uma análise histórico-dialética e crítica, capaz de compreender os sujeitos em sua totalidade, articulando elementos biológicos, psicológicos e sociais. Segundo ela, muitas análises ainda privilegiam visões biologicistas e demográficas, centradas apenas na idade cronológica.

Além das mudanças biológicas próprias da idade, a pessoa idosa frequentemente enfrenta o apagamento de sua identidade social e preconceitos relacionados ao etarismo ou idadismo. Fatores como raça, gênero, classe social e naturalidade intensificam processos discriminatórios e vulnerabilidades econômicas, influenciando diretamente a maneira como os idosos são vistos e tratados pela sociedade. Nesse contexto, é comum que a pessoa idosa se sinta excluída socialmente, sem espaço na sociedade e, muitas vezes, no próprio núcleo familiar.

A ausência de redes de apoio e a precariedade dos serviços públicos comprometem significativamente a qualidade de vida da população idosa, afetando sua saúde física e psicológica. Muitos vivenciam o isolamento social e convivem com doenças que poderiam ser prevenidas ou tratadas adequadamente. Soma-se a isso a condição de pobreza, que intensifica sofrimentos e vulnerabilidades enfrentados na velhice. Envelhecer pobre, em uma sociedade que valoriza a juventude, a produtividade e o consumo, torna-se ainda mais desafiador, sobretudo para aqueles marcados por múltiplas desigualdades sociais.

A realidade da classe trabalhadora é marcada pela ausência de condições básicas de subsistência, resultado das relações de exploração inerentes ao sistema capitalista. Nesse sentido, a pobreza assume um caráter desumanizador, atingindo diferentes dimensões da vida humana. Conforme Yazbek (2012), os pobres são produtos das relações sociais que reproduzem desigualdades econômicas, políticas, sociais e culturais, definindo para eles um

lugar marginalizado na sociedade. A pobreza se materializa em diferentes níveis de vulnerabilidade e pode ser agravada por fatores interseccionais, como raça e gênero.

Quando associada à velhice, a pobreza torna o envelhecimento ainda mais excludente. O envelhecimento das pessoas pobres é frequentemente marcado pela invisibilidade, pelo abandono e pela fragilidade dos vínculos familiares e comunitários. Além da dificuldade de acesso à saúde, educação, habitação e renda digna, a multidimensionalidade da pobreza também afeta a subjetividade dos indivíduos, interferindo na forma como percebem a si mesmos e o mundo. Conforme Jacinto (2021), estereótipos negativos associados às camadas populares intensificam as experiências de sofrimento vivenciadas por esses sujeitos.

Muitos idosos chegam à terceira idade sem recursos financeiros e sem proteção social suficiente para garantir condições dignas de vida. Lopes e Holanda (2023) destacam que é impossível dissociar qualidade de vida e renda econômica, uma vez que a falta de acesso a serviços de qualidade transforma o envelhecimento em um processo marcado por vulnerabilidades e estigmas. Nesse cenário, as relações de classe tornam-se evidentes quando determinados grupos de idosos passam a ser associados a imagens pejorativas, como “velho”, “sujo” e “maltrapilho”.

Segundo Teixeira (2018), desde a década de 1980, expressões como “terceira idade”, “melhor idade” e “envelhecimento ativo” passaram a ser amplamente utilizadas na tentativa de reduzir formas discriminatórias dirigidas às pessoas idosas. Entretanto, embora essas expressões busquem afastar estigmas negativos relacionados à velhice, podem também produzir uma visão superficial do envelhecimento, desconsiderando as desigualdades sociais e as diferentes condições em que esse processo ocorre. A ideia de envelhecimento ativo e saudável pode, inclusive, responsabilizar o próprio indivíduo pelas condições em que envelhece, ignorando fatores estruturais e históricos.

Nas sociedades capitalistas, a valorização dos indivíduos está fortemente vinculada ao poder econômico e à capacidade produtiva. Nesse contexto, pessoas consideradas aptas ao trabalho tendem a ser mais valorizadas socialmente, enquanto a velhice passa a ser associada à improdutividade e à exclusão, contudo é importante destacar que a exclusão no mercado de trabalho não afeta apenas os idosos, mas a classe trabalhadora de forma geral. Antunes (2018) demonstra que a era digital e os avanços tecnológicos ampliaram a precarização do trabalho e a exclusão de trabalhadores, inclusive daqueles altamente qualificados.

A intensa digitalização da vida cotidiana também impacta diretamente as pessoas idosas, dificultando sua inserção em atividades simples do dia a dia, como acessar serviços bancários ou realizar compras. A dificuldade em lidar com novas tecnologias contribui para a vivência do chamado “preconceito digital”, ampliando processos de exclusão social. Esse

cenário evidencia que o aumento da expectativa de vida ocorre em uma sociedade profundamente desigual, na qual envelhecer, sobretudo sendo mulher, pobre e pertencente à classe trabalhadora, significa enfrentar múltiplos desafios e vulnerabilidades.

Discutindo o envelhecimento sob uma perspectiva de gênero

Durante o processo de envelhecimento, mulheres enfrentam desafios específicos que se relacionam às opressões e às discriminações vivenciadas, em decorrência do gênero a qual pertencem. Quando analisamos o processo de envelhecimento sob o recorte de gênero, vemos quão aprofundadas são as opressões que se interseccionam na vida da mulher idosa, visto que ser mulher, numa sociedade patriarcal, independentemente da idade, carrega em si uma trajetória marcada por opressões históricas e específicas do gênero feminino.

O crescimento da população idosa é uma realidade em expansão. Nesse contexto, de acordo com Alves (2023), as mulheres somam a maior massa da população idosa em escala global. Em 2022, “[...] O número de mulheres idosas chegou a 604,7 milhões e o número de homens chegou a 503,9 milhões, com um superávit feminino, em termos arredondados, de 100 milhões de mulheres”.

Alves(2023) ainda pontua que a tendência é de crescimento exponencial da população idosa, que, de acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), representarão 26,7% da população brasileira até 2027 (cerca de 61,8 milhões de habitantes, dos quais as mulheres representarão 34,2% desse grupo, e homens, 27,6%).

A projeção para a população global com 65 anos ou mais é a de que ela deverá dobrar para 1,5 bilhão em 2050, haja vista que havia 703 milhões de pessoas com essa idade, no mundo, em 2019 (United Nations, 2019). Com relação às mulheres com 65 anos ou mais, as projeções indicam que, em 2050, elas representarão 54% da população global (United Nations, 2019)².

Adicionalmente, estimativas apontam que a população idosa corresponderá a 3,1 bilhões da população total até 2100, a qual mulheres somarão 1,62 bilhões desse grupo, enquanto os homens, 1,46 bilhões (Alves, 2023). Esses dados revelam a necessidade de pensarmos em formas de combate às desigualdades e aos preconceitos a longo prazo, sobretudo os que relacionam raça/etnia, gênero e idade.

A feminização do envelhecimento, termo utilizado por Capellos (2021), deve-se ao fato de que as mulheres representam maior percentual da população idosa, especialmente no Brasil. Segundo a Secretaria de Comunicação Social (Brasil, 2023), o fenômeno está

² Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2021/09/08/feminizacao-do-envelhecimento-afinal-do-que-estamos-falando/>. Acesso em: 1 maio 2026.

diretamente relacionado à diminuição da taxa de natalidade e ao aumento na expectativa de vida da população idosa nos últimos 12 anos, principalmente mulheres.

Dados do Censo Demográfico brasileiro, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Gomes; Brito, 2022) apontam que a população idosa, com 60 anos ou mais, representam cerca de 15,06% (32.113.490) da população total do país. As mulheres representam cerca de 55,7% (17.887.737) desse grupo, e os homens, 44,3% (14.225.753).

Diante o exposto, as mulheres representam e seguirão representando o maior grupo dentre a categoria idosos, e, para que compreendamos os desafios por elas enfrentados nessa etapa da vida, devemos aproximar-nos do contexto histórico e político que envolve a realidade social de milhares de mulheres mundo afora, bem como os condicionantes que marcam a vida da mulher idosa. Há múltiplos fatores que se interseccionam às experiências de opressões vivenciadas por mulheres, podendo ser: raça/etnia, classe social, nacionalidade, sexualidade, etc. Aqui nos deteremos a apontar a categoria gênero de forma ampliada, reconhecendo que não se trata de uma categoria homogênea e linear.

Historicamente, mulheres sofrem opressões e múltiplas violências unicamente por serem do gênero feminino. Violências e imposições que antecedem o nascimento e condicionam os papéis de gênero, exemplo: tipo e cor da vestimenta, brinquedos específicos para meninas, etc. Essa diferenciação no trato social incumbe às mulheres das mais variadas etnias e classes sociais a agirem conforme ditames, onde essas imposições se mantêm na atualidade, fazendo parte de aspectos culturais fortemente influenciados pelo patriarcado.

Tal afirmação necessita de que nos aproximemos dos fundamentos da sociedade patriarcal. Os primeiros registros de sociedades patriarcais têm, como principais agentes, as tribos hebraicas, período histórico pré-homérico dois mil anos a.c. (Parabólica, 2019). Nessas sociedades, a figura masculina continha maior relevância no meio familiar, social, político e econômico, ditando, assim, culturalmente, a sobreposição do gênero masculino em detrimento ao feminino, e as relações sociais como um todo. Essa fase em específico, de ascensão de um gênero sobre o outro, ficou conhecida como “a era dos patriarcas” (Parabólica, 2019). Posteriormente, essa lógica se expandiu pelo globo, tornando-se predominante até os dias de hoje.

No Brasil, a lógica patriarcal instalou-se com a invasão dos portugueses nas terras latino-americanas, surtindo efeitos até os dias de hoje, o que chamamos de herança colonial. Nesse período, decorrente de uma cosmovisão eurocêntrica acerca da representação da mulher, houve uma intensa propagação pela igreja, por médicos e estudiosos da época da disseminação da figura feminina como sinônimo de mal, fomentando, assim, de acordo com Silva e Colares (2024), uma mentalidade coletivamente violenta e misógina. “O ideário europeu, portanto, já se formou através de uma repulsa com a figura feminina e engendrando

em sua formação a misoginia através do colonialismo e do patriarcalismo em que este se fundamentava” (Silva; Colares, 2024, p. 3).

Ainda a respeito de Silva e Colares (2024), as autoras expõem como a imposição patriarcal corroborou para o processo exploratório colonial no Brasil, e que, a partir do patriarcado, mulheres, sobretudo africanas e indígenas, foram coisificadas e objetificadas, e tamanha violência era naturalizada. A cosmovisão eurocêntrica acerca da sobreposição masculina e da subordinação do gênero feminino fez parte de todo o processo colonizatório, estendendo-se na ascensão da econômica capitalista, possibilitando sua existência em tempos atuais.

Tal lógica impõe uma cultura de “apagamento”, silenciamento e negação de direitos às mulheres, impondo-lhes um lugar no qual devem estar e permanecer, havendo forte imposição para que mulheres se mantenham restritamente no meio privado, exercendo funções historicamente a elas reservadas.

[...] Essa exploração está fundamentada de diversas formas e acirra a dominação masculina em virtude da reprodução do patriarcado na sociedade contemporânea. O modo de produção capitalista patriarcal se mantém atual, reatualizando velhas práticas, sob a ótica de um “novo” que se instaura (SILVA; COLARES, 2024, p. 8).

O patriarcado é uma lógica estrutural de violência contra as mulheres, pautada na imposição de gênero, ou apenas, como apontou Pereira (2025), “supremacia masculina”. Apesar de esse fundamento anteceder a acumulação primitiva do capitalismo, foi a partir daí, tendo como pano de fundo o patriarcado, que o capitalismo se estruturou. Pereira (2025) pontua que a forma pela qual o sistema capitalista se expandiu e se mantém na atualidade está profundamente relacionada à coesão de força e violência contra as mulheres. A autora também expõe que, nessa conjuntura, um dos principais objetivos das opressões às mulheres está relacionado à exploração do trabalho reprodutivo e ao controle sobre seus corpos, na medida em que mulheres desempenham um papel central na manutenção da lógica capitalista.

[...] no que se refere às mulheres, a violência integra um mecanismo social que assegura a produção contínua de mercadorias e, no interior da família, da principal mercadoria que sustenta todo o modo de produção capitalista: a força de trabalho [...] (PEREIRA, 2025, p. 6).

[...] A manutenção da família patriarcal é, assim, central para o capital, pois nela se viabiliza tanto a restauração cotidiana quanto a renovação geracional da força de trabalho, reforçando a opressão das mulheres como parte integrante da engrenagem capitalista (PEREIRA, 2025, p. 2).

Dado o exposto, é evidente que, apesar de o patriarcalismo anteceder a sociedade capitalista, foi a partir dele que esse sistema econômico se expandiu, tendo, como pressuposto, a divisão social e sexual do trabalho e a sobreposição da figura masculina no seio da sua tradição conservadora. Nesse contexto, de violências históricas contra as

mulheres, as principais funções incumbidas a elas sempre estiveram relacionadas ao trabalho reprodutivo e de cuidado, e, mesmo de forma irreconhecível, por não produzirem lucro na cadeia produtiva através do trabalho socialmente valorizado, as mulheres são parte fundamental para a manutenção do sistema capitalista.

Nessa conjuntura, a violência contra as mulheres é perpassada geracionalmente por meio da cultura patriarcal, mantida pela tradição conservadora. A imposição de gênero é introduzida desde a infância da mulher, recaindo sobre elas em forma de atribuições ligadas ao meio doméstico e do cuidado. Na maioria das vezes, mulheres, ainda quando meninas, são “treinadas” para o desempenho das funções a elas relacionadas no ambiente doméstico e familiar.

Nesse sentido, Lopes e Holanda (2023) pontuam que as expectativas sociais acerca da formação familiar e a responsabilização da mulher sobre qual será sua função – reprodutora e cuidadora – na constituição da família secundária caem sobre ela desde muito jovens, até os 30 anos de idade. A mulher, considerada “Balzaquiana³”, começa a ser frequentemente cobrada para ter marido e filhos.

Ainda sobre Lopes e Holanda (2023), as autoras pontuam que, na sociedade patriarcal, a validação da mulher está fortemente relacionada à sua capacidade reprodutiva, e, em decorrência disto, há uma maior valorização e preferência por mulheres jovens. Nessa circunstância, aproximando-se da realidade de mulheres idosas, a constante valorização da jovialidade apresenta-se como grande desafio à mulher, podendo ser a causa de grande angústia. Tal conduta faz com que grande parte das mulheres tenham a velhice, não só pela perda da capacidade reprodutiva, como também por eventuais disforias corporais e perda de sua identidade.

Nesse sentido, mulheres sofrem com pressão estética antes mesmo de seus corpos expressarem o alcance da maturidade de um corpo envelhecido. Carvalho, Santana e Antloga (2025) sinalizam que a violência contra as mulheres se configura em aspectos físicos, psicológicos e simbólicos. Essa última recai em forma de pressão estética, gerando grande estresse e impacto negativo na autoimagem da mulher, podendo ser esses efeitos ainda mais danosos a mulheres idosas. O corpo envelhecido passa a ser estigmatizado e temido, e, para as mulheres, essa angústia é ainda mais potencializada, em decorrência de preconceitos relacionados à idade e à aparência.

³ Balzaquianas: termo utilizado pelas autoras Lopes e Holanda (2023). Originalmente, surgiu do romance do escritor francês Honoré de Balzac: A mulher de trinta anos. A expressão aludia ao encantamento e à maturidade da mulher entre 30 e 40 anos, entretanto, no decorrer dos anos, o termo foi adquirindo conotação negativa, passando a se referir de forma estigmatizada a mulheres que, ao atingir essa faixa etária, não tinham marido, sendo consideradas “encalhadas”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Balzaquiana>. Acesso em: 1 nov. 2025.

Akotirene (2025) sinaliza que essa pressão social acerca da aparência é imposta por uma cosmovisão ocidental que relaciona beleza e jovialidade, tornando a velhice antônimo de belo. Adicionalmente, a pressão estética relacionada à aparência recai sobre as mulheres de forma muito mais acentuada do que em relação aos homens, não à toa que homens em idades mais avançadas são tidos, muitas vezes, como “maduros”, “charmosos e grisalhos”, etc., enquanto mulheres idosas são frequentemente relacionadas a estigmas negativos como “velhas”, “desleixadas”, “descuidadas”, etc. Sob essa ótica, mais uma vez, o capitalismo apresenta soluções para um problema por ele mesmo criado, ao considerar toda uma indústria em constante expansão ligada a procedimentos estéticos que lucram, sobretudo, com a insegurança e o temor de mulheres acerca do envelhecimento⁴.

Nessa circunstância, apesar das constantes violências, imposições e pressões sociais que as mulheres enfrentam, de acordo com Silva e Rodrigues (2024), elas vivem mais que os homens, o que explica a viuvez da maioria, no entanto viver mais significa ter maior qualidade de vida? Segundo as autoras, não, porque as mulheres em idades avançadas são mais suscetíveis a doenças crônicas devido à idade. Outro ponto exposto pelas autoras é que as mulheres, quando viúvas, tendem a viver sozinhas em seus ambientes domésticos.

De forma geral, os homens idosos, quando viúvos, têm maior facilidade em construir novos relacionamentos, diferentemente das mulheres idosas, que, quando viúvas, geralmente não arranjam novo parceiro, o que, por sua vez, pode refletir na diminuição da renda dessas mulheres (Salgado, 2002⁵, *apud* Silva; Rodrigues, 2024, p. 3) “[...] dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2022 mostram que 57,5% das mulheres idosas residentes no Brasil pertencem a arranjos unipessoais” (SILVA; RODRIGUES, 2024, p. 4).

As mulheres tendem a viver mais do que os homens, contudo frequentemente enfrentam condições de vida mais precárias. Por estarem historicamente associadas ao trabalho informal e às atividades de cuidado, muitas vezes não remuneradas, chegam à velhice em maior vulnerabilidade econômica, encontrando dificuldades para garantir sua subsistência.

⁴ O Brasil é o quarto maior mercado de estética do mundo, ficando atrás apenas de EUA, China e Japão. No Brasil, em 2023, as mulheres representaram cerca de 70% dos indivíduos que buscaram por esse tipo de serviço. (Gabriella Lopes. Lab Notícias, 2023). Disponível em: <https://labnoticias.jor.br/2023/02/23/o-mercado-da-estetica-area-da-beleza-movimenta-bilhoes-todos-os-anos-no-brasil/>. Acesso em: 8 out. 2025.

Ademais, considerando ser esse um mercado em constante crescimento, estima-se uma movimentação econômica na marca de US\$32 bilhões até 2027 (SEBRAE; ABIHPEC *apud* UniCesumar, 2025). Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/blog/mercado-da-estetica-em-2025-tendencias-e-inovacoes-para-crescer-neste-novo-ano/>. Acesso em: 8 out. 2025.

⁵ SALGADO, C.D.S. Mulher Idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**, [s. l.], v. 4., p. 7-19, jan./dez. 2002.

Nesse contexto, tais dificuldades decorrem tanto da impossibilidade de acesso à aposentadoria, devido à insuficiência de contribuições à previdência social, quanto da recusa que enfrentam ao tentar ingressar em postos de trabalho remunerados, em razão da idade⁶. Além disso, quando adentram esses espaços, tendem a receber menores salários em comparação aos homens que desempenham as mesmas funções, uma vez que as estruturas de opressão que definem os papéis de gênero seguem reproduzindo precariedade e subordinação.

As mulheres ainda passam mais tempos desempregadas, em relação aos homens, e em empregos informais e precarizados, mais vulneráveis a não ter direitos trabalhistas ou previdenciários, e, ainda, detêm a responsabilidade pela maioria dos lares, e das crianças em geral (TOLEDO; REIS, 2024, p.11).

Toledo e Reis (2024) sinalizam que mulheres, quando adentram o mercado de trabalho formal ou informal, tendem a se sentirem ainda mais exaustas, pois lhes falta, nos ambientes de trabalho, condições concretas para se desenvolverem, levando em consideração suas necessidades específicas, como auxílios maternidade, creche, entre outros. O que a princípio pode parecer empoderamento feminino, na realidade, materializa-se como mais uma “obrigação” dentre os vários afazeres domésticos e de cuidado que estão historicamente associados à mulher, fazendo com que ela fique ainda mais sobrecarregada, na tentativa de conciliar meio público e privado (Silva, 2024).

Não obstante, apesar das conquistas alcançadas pelo movimento feminista, as mulheres ainda enfrentam grandes desafios para a garantia e a efetivação de seus direitos nos mais diversos âmbitos, como o direito à vida, à saúde e à igualdade de gênero. Quanto a esse último, embora, na atualidade, seja possível observar um maior número de mulheres inseridas no trabalho formal, elas ainda não representam a maioria da classe trabalhadora (TOLEDO; REIS, 2024, SILVA, 2024).

Nesse contexto, apesar da inserção das mulheres no mercado de trabalho formal, elas ainda representam a maior parte de trabalhadores na informalidade, na subalternidade e na desvalorização, o que, por sua vez, representa ao grande capital maior lucratividade em produtividade e menor gastos com salários. Dito isso, é correto afirmar que se trata de um sistema que gera violências, ao passo que se aproveita da subalternização e da vulnerabilidade de mulheres, para sua manutenção (SILVA; COLARES, 2024).

Esse cenário de vulnerabilidades e privação de direitos tende a ser ainda mais intensificado durante a velhice, visto que mulheres têm acúmulos de desvantagens, ao longo

⁶ Brasil (2025) Serviço para solicitar aposentadoria por tempo de contribuição. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/solicitar-aposentadoria-por-tempo-de-contribuicao>. Acesso em: 1 nov. 2025.

dos anos, decorrentes da divisão sexual do trabalho, da nula ou desiguais condições salariais, da sobrecarga com atividades de cuidado e trabalhos domésticos, etc. De acordo com Toledo e Reis (2024):

A análise da pobreza, sob uma perspectiva de gênero, permite verificar como as mulheres estiveram sempre em situação de exploração de forma muito particular, e muito mais intensa que os homens da classe trabalhadora, o que sempre esteve em consonância com os interesses das classes dominantes, especialmente dentro do sistema capitalista (TOLEDO; REIS, 2024, p. 5).

Fatores culturais, políticos e sociais fazem parte de uma mesma estrutura de opressão contra as mulheres, estando profundamente fundamentada no patriarcado e mantida pelo modo de produção capitalista, que busca formas de se atualizar na contemporaneidade. Essa estrutura, de exploração e desigualdades, reverbera em diversos aspectos da vida social, sendo muitas vezes invisível e naturalizada, porém comprometendo o pleno desenvolvimento das mulheres em todas as fases da vida. Ao se tornarem idosas, tendem a vivenciar opressões de forma ainda mais potencializada, visto que, além das discriminações por gênero, a idade se torna mais um fator que se soma e se sobrepõe às opressões vivenciadas por elas.

Mulheres idosas encontram maior dificuldade de serem aceitas e de terem seus direitos respeitados, bem como maiores dificuldades de adentrar o mercado de trabalho formal, o que por si só pode acarretar a baixa expectativa de melhores condições de vida.

Silva e Silva (2025) discutem a maneira que as mulheres idosas são tratadas na sociedade capitalista, sobretudo quando tentam buscar uma oportunidade de trabalho remunerado, pois essas são tratadas como força de “trabalho descartável” e sem serventia. Ademais, no ambiente doméstico, não são valorizadas, reconhecidas e tão pouco remuneradas pelas atividades laborais desempenhadas na manutenção de seus lares e no cuidado de filhos, maridos, netos (as), sogros(as), etc., onde são frequentemente responsáveis por gerar, cuidar, educar e cuidar, via reprodução social.

Quando refletimos sobre os direitos das mulheres como um todo, devemos considerar os significativos avanços políticos advindos da luta de movimentos feministas, entretanto, quando observamos o cenário brasileiro, vemos que esses avanços ocorreram morosamente, à exemplo: direito ao voto feminino (1932); criação da primeira delegacia da mulher (1985); promulgação da lei contra a violência à mulher, Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006, que criou mecanismo de proteção contra a violência doméstica; Lei contra o feminicídio, que tipifica o homicídio de mulheres como crime hediondo (Lei n. 13.104, de 9 de março de 2015, etc. (Campos [s.s], Porfírio [s.d]). Essas ponderações nos servem para fazer refletir sobre como a vida e as demandas das mulheres foram e são tratadas na sociedade patriarcal e capitalista.

Apesar de as mulheres representarem maior longevidade de vida em relação aos homens, o gênero feminino também representa maiores índices de vulnerabilidade social, ao mesmo tempo em que dispõe de menores oportunidades em relação ao sexo masculino, ou seja, mulheres idosas estão duplamente vulneráveis, tanto em relação ao gênero ao qual pertence quanto à questão etária.

As mulheres idosas e suas trajetórias de vida no bairro Lagomar, em Macaé, RJ

A fim de compreendermos os desafios que envolvem o processo de envelhecimento de mulheres idosas em vulnerabilidade social, em Macaé, RJ, foi realizada uma pesquisa qualitativa, junto a 10 mulheres integrantes do grupo de idosos CRAS Lagomar. Durante a pesquisa, foi possível identificar o perfil dessas mulheres e como elas entendem e enfrentam os desafios decorrentes do envelhecimento, quando atravessado pela pobreza. As perguntas realizadas buscaram identificar: raça/etnia, naturalidade, composição familiar, renda, etc.

A saber, Macaé é uma cidade localizada na região Norte-Fluminense e integra um dos 92 municípios do estado do Rio de Janeiro, com uma população estimada em 264.439 habitantes (CEPERJ, [s.d]; IBGE, 2025)⁷. Possui uma extensão territorial de 1.216 quilômetros quadrados e 23 quilômetros de litoral. Complementarmente, possui cerca de 80 bairros (Tavares, 2022, p. 43). Até a década de 1970, Macaé possuía predominantemente características rurais, e sua principal fonte econômica era a pesca e o turismo, sendo conhecida por muitos como a “Princesinha do Atlântico” (Tavares, 2022, Lima, 2024). De acordo com Tavares (2022), esse cenário mudou completamente em 1977, com a chegada da Petrobras na região, que, influenciada pelo apelo desenvolvimentista da ditadura militar, perspectiva de independencialização do mercado de petróleo externo e exploração do mercado interno, instalou-se na região, por meio da “ocupação predatória”, resultando assim em abruptas transformações ambientais, demográficas e sociais, transformações essas presentes até os dias de hoje, na região.

Tavares (2022) ainda expõe que a chegada da Petrobras, em 1977, e a criação do porto na praia do bairro Imbetiba veio acompanhada de muitas expectativas acerca das oportunidades de trabalho, ao mesmo tempo acompanhada de um certo receio por parte dos moradores locais, que nem sempre se mostraram receptivos à chegada de migrantes e às alterações que essa mudança demográfica e cultural poderia vir a surtir na região.

⁷ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/maca.html> Acesso em: 11/2025

De acordo com Guimarães (2021), a chegada da Petrobras, na década de 1970, acompanhada da promessa de desenvolvimento, fizeram com que Macaé ficasse nos holofotes do país como a cidade em potencial empregabilidade e qualidade de vida. Em decorrência disso, a partir da década de 1980, a cidade recebeu muitos migrantes de cidades vizinhas e demais partes do país, atraídos pelas oportunidades de emprego e expectativa de ascensão econômica, no entanto a realidade se mostrou oposta ao esperado pelos migrantes recém-chegados na região, que não representando a mão de obra qualificada que as empresas exigiam, acabaram somando-se à massa empobrecida na cidade. De acordo com Ressiguiier (2011), citado por Guimarães (2021):

A geração de milhares de empregos diretos e indiretos associados à concentração do capital desencadeou adensamento populacional acelerado e, sem o devido planejamento da infraestrutura urbana, econômica e social, contribuiu para o aumento significativo de indigentes e miseráveis que ficaram à margem dos empregos formais sendo compelidos ao subemprego com renda incompatível com a nova realidade econômica do município (RESSIGUIER, 2011, apud GUIMARÃES, 2021, p. 4).

A aceleração do crescimento populacional, oportunidades de emprego focalizadas e falta de planejamento urbano e social colaboraram para que trabalhadores locais e migrantes com baixa qualificação profissional acabassem às margens da cidade, por não terem condições para arcar com os custos de vida e moradia na região. Esse movimento, somado à falta de infraestrutura e fiscalização, propiciou o aumento das ocupações em áreas consideradas inapropriadas para moradia, agudizando ainda mais as desigualdades sociais no município (Fonte; Dias, 2023).

O município de Macaé, apesar de arrecadar milhões em royalties anualmente, apresenta uma grande desproporção na qualidade de vida entre as áreas de comunidade/favela e áreas centrais e/ou condomínios de alto padrão. Essa desigualdade se expressa nas diferenças de oportunidades, infraestrutura, mobilidade, etc., presentes na realidade dos moradores de cada território. Nesse cenário, de múltiplas violações de direitos e precarização das condições de vida, as políticas públicas assumem papel essencial na garantia de direitos e na mitigação das desigualdades sociais, ao mesmo tempo que reafirmam o compromisso do Estado com a garantia e efetivação desses direitos, através da integração entre os entes federativos: União, estados e municípios.

Entre essas políticas, destaca-se a Política de Assistência Social, por cumprir importante papel na garantia de direitos sociais, atuando na perspectiva de prevenção de riscos

⁸ RESSINGUIER, J. H. B. Atividade petrolífera e impactos no espaço urbano do município de Macaé/RJ – 1970/2010. 2011. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades). Universidade Cândido Mendes, Campos dos Goytacazes, 2011.

e violação de direitos. Sua construção faz parte de uma conquista histórica da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, que reivindicavam melhores condições de vida. O período no qual a Política de Assistência Social passa a integrar a Seguridade Social ficou marcado pela redefinição do Estado brasileiro e por conquistas sociais históricas, legitimadas pela Constituição Federal de 1988.

Nesse cenário, o CRAS cumpre papel fundamental na promoção de direitos e autonomia dos indivíduos atendidos, através da prestação de serviços multidisciplinares, acolhimento das famílias e socialização de informações aos usuários da Política de Assistência Social. Servem como “pontes” entre as ações federais e municipais e a comunidade. É amplamente conhecido como “porta de entrada” para a Política de Assistência Social (Barbosa, 2024, Brasil, 2023).

Em Macaé-RJ, há oito unidades do CRAS, localizadas nos bairros: Aroeira, Barra, Botafogo, Nova Esperança, Novo Visconde, Parque Aeroporto, Serra e Lagomar. Dentre os serviços oferecidos, destaca-se: acolhida, acompanhamento familiar, estudo social, entrevista em domicílio, cadastramento em benefícios socioassistenciais, repasse de informações, orientação e encaminhamentos para demais serviços da rede socioassistencial, entre outros (Macaé, 2025)⁹. O CRAS do bairro Lagomar, onde foi realizada a pesquisa que fundamenta esta análise, foi inaugurado em 28 de janeiro de 2022, abrangendo os seguintes bairros de Macaé: Lagomar, Engenho da Praia, Cabiúnas e Ingazeira.

O bairro Lagomar está localizado na região norte de Macaé, às margens da rodovia Amaral Peixoto (RJ-106), e integra o setor administrativo 06. Possui cerca de 40 mil habitantes e representa um dos maiores bairros do município, com aproximadamente 3.290.000 m² (Macaé, 2021¹⁰, O Debate, 2018¹¹).

O “boom populacional” na região se intensificou a partir da década de 1970, onde houve um intenso e prolongado processo de ocupação desordenada, em áreas que integram a zona de preservação ambiental do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (PNRJ) (Fontes; Dias, 2023).

O território, desde então, é marcado por elevados índices de vulnerabilidade social e pela limitada atuação do poder público. Além de representar a maior ocupação desordenada do município, “[...] é também neste mesmo bairro que estão o maior número de migrantes nordestinos” (Tavares, 2022, p. 85). Ou seja, o bairro Lagomar foi formado pelo contingente de

⁹ Disponível em: CRAS – Centros de Referência de Assistência Social. Acesso em: 1 nov. 2025.

¹⁰ Disponível em: Prefeitura realiza visita técnica no Lagomar. Acesso em: 1 nov. 2025

¹¹ Disponível em: Infraestrutura ainda é precária no Lagomar | ODEBATEON. Acesso em: 1 nov. 2025

migrantes, pessoas em situação de vulnerabilidade social, que ficaram à margem da cidade e de melhores condições de vida, de modo geral.

O bairro também é marcado pela precária e/ou inexistente infraestrutura urbana e saneamento básico. Embora tenham ocorrido, nos últimos anos, algumas melhorias na rede de saneamento básico, pavimentação das ruas e água encanada, essa é uma realidade que não alcançou todas as partes do bairro, restringindo-se às ruas mais próximas ao início do bairro e as vias principais.

O perfil da população que busca atendimento no CRAS é majoritariamente composto por mulheres, em sua maioria negras, “chefes” de família, frequentemente monoparentais, com baixa ou nula escolaridade, desempregadas e/ou em subempregadas. Já em relação ao perfil das usuárias do CRAS Lagomar, uma característica relevante é o recorte etário acima dos 50 anos ou mais de idade. Majoritariamente, eram usuárias que não recebiam nenhum tipo de benefício previdenciário ou assistencial e buscavam atendimento na tentativa de suprir necessidades imediatas. Essas usuárias tinham, em comum, uma trajetória de vida marcada pela precariedade e informalidade, ou seja, dificilmente terão acesso aos direitos previdenciários, o que agudiza ainda mais as desigualdades enfrentadas por elas.

Como revelado, mais da metade das entrevistadas são pessoas negras: 60% se autodeclararam pardas, e 40%, brancas, revelando assim uma predominância de pessoas negras no grupo de idosos. Dentre as entrevistadas, 90% informaram ter vindo de outra cidade, confirmando a forte presença de migrantes que, em sua maioria, foram atraídos para a cidade em busca de oportunidades e melhores qualidade de vida (Guimarães, 2021, Fontes; Dias, 2023, Tavares, 2022).

Entre as entrevistadas, 70% informaram morar sozinhas, o que sinaliza, conforme Silva e Rodrigues (2024, p.3), que mulheres, quando viúvas ou divorciadas, também tendem a passar essa etapa da vida sozinha, no quesito domiciliar. Das 30% que informaram ser viúvas e 30%, divorciadas, 50% moravam sozinhas. Os outros 20% restantes da composição de mulheres idosas que residem sozinhas é composto pelas que informaram ser solteiras, totalizando assim os 70% das entrevistadas que moram só. Quanto às demais entrevistadas, 30% informaram morar com mais alguém. Desse percentual, 20% informaram serem casadas e viver com seus maridos.

Em relação à escolaridade, os dados revelaram que 50% delas não têm o ensino fundamental completo. 20% desse quantitativo conseguiram retomar os estudos, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA); 30% têm o Fundamental Completo; 10%, o Ensino Médio completo; e apenas 10% declararam ter Ensino Superior completo.

No que se refere a moradia, 80% das entrevistadas informaram ter casa própria, outras 20% informaram viver de aluguel e/ou casa cedida por familiar. Em relação à renda

econômica, 10% informaram viver de salário trabalhista, e 90% informaram ter, como principal fonte de renda, aposentadoria, pensão e/ou recebe o Benefício Prestação Continuada (BPC).

Acerca da percepção de como são tratadas na sociedade e sobre a relevância que sentem ter sua opinião, de modo geral, 60% das entrevistadas relataram se sentirem respeitadas, 20% muito respeitadas, e 10%, pouco respeitadas.

Dentre elas, 30% disseram não haver diferenças entre homens e mulheres idosos, 70% responderam que há uma diferença entre homens e mulheres nessa fase etária – dentro deste percentual, 30% não souberam pontuar o quê, de forma específica. Esse percentual se repete (30%) no tocante às diferenças entre homens e mulheres idosos, em que 30% disseram não ter diferença de gênero, enquanto 70% responderam que há uma diferença entre homens e mulheres nessa fase etária.

De forma geral, a pesquisa revela que o envelhecimento é um processo multifacetado e heterogêneo, atravessado pelas desigualdades de gênero e de classe social, ainda profundamente marcado por vulnerabilidades, discriminações e estigmas. As idosas entrevistadas convivem com limitações econômicas, dificuldades de acesso a direitos e desafios acumulados ao longo de suas trajetórias. Entretanto, apesar das dificuldades enfrentadas, evidenciou-se não só aspectos negativos acerca do envelhecimento, como também aspectos positivos relatados pelas próprias mulheres entrevistadas. Os resultados apontam que, mesmo diante das dificuldades, as mulheres idosas de Macaé mantêm sonhos, objetivos e vontade de serem vistas e reconhecidas.

Considerações Finais

O envelhecimento é um processo multifacetado, gradual e inevitável, presente em todas as etapas da vida humana, entretanto é na velhice que os indivíduos vivenciam desafios específicos à condição etária. Por ser essa uma categoria heterogênea, a vivência dessa etapa da vida se dá de formas diversas entre os grupos sociais, e questões como classe, gênero, etnia, território, etc. condicionam a experiência de vida dos sujeitos, manifestando-se isoladamente e/ou de forma interseccional e impactando em como as pessoas idosas são tratadas em sociedade.

O presente artigo teve, como principal objetivo, compreender os desafios enfrentados por mulheres idosas que têm suas vidas atravessadas pelo ciclo da pobreza, através de pesquisa realizada na cidade de Macaé, RJ, precisamente no bairro Lagomar, uma das regiões de maior vulnerabilidade social da cidade. Adicionalmente, a experiência e as observações realizadas durante o estágio supervisionado em Serviço Social, no CRAS, serviu como motivador para a escolha desta temática.

Apesar de a cidade de Macaé ser destaque entre as cidades que mais faturam em royalties, a riqueza e o usufruto desses benefícios não atingem seus cidadãos de formas igualitárias. Em contraponto com regiões nobres da cidade, o bairro Lagomar apresenta altos índices de vulnerabilidade social e pobreza, e seus moradores enfrentam muitos desafios decorrentes das desigualdades presentes no território, como falta de água potável, saneamento básico, infraestrutura básica, segurança, mobilidade, entre outros.

O estudo demonstrou que esses desafios são ainda mais potencializados na vida de mulheres idosas e pobres, que têm seus direitos negados quando pensamos em formas dignas e respeitadas de envelhecimento, pois lhes faltam condições básicas de vida, como as citadas acima.

Visto que o envelhecimento populacional é uma realidade em constante crescimento, a qual as mulheres representam e seguirão representando a maior massa dessa população, este artigo contribui para o debate acerca do envelhecimento, sobretudo de mulheres, e convida-nos a reflexões acerca das desigualdades de gênero e etária, numa sociedade que prioriza o vigor, a força e a produtividade como essência na produção e reprodução do capital.

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz. A feminização do envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. **Instituto Humanitas Unisinas**, [s. l.], 14 jul. 2023. Disponível em: A feminização do envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. Artigo de José Eustáquio Diniz Alves - Instituto Humanitas Unisinos. Acesso em: 24 set. 2025

AKOTIRENE, Carla. "Saudações. Essa nossa fala sobre etarismo [...]". Bahia, 23 set. 2025. Via Instagram: @carlaakotirene. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DPKSZpHAeBi/>. Acesso em: 3 out. 2025.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo, SP: Boitempo, 2018. Disponível em: <https://nestpoa.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/09/ra-ps.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2026.

BARBOSA, Karla Dias. **Projeto de intervenção – Socializando Informações**: estágio em Serviço Social (estágio V). Campos dos Goytacazes: UFF, 2024. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1CSZisNBVs988y0nfqLNaTgbTACvjwpQYri8cTVBqRcw/edit?usp=sharing>. Acesso em: 1 nov. 2025.

CAMPOS, Tiago Soares. "Direitos da mulher". **Brasil escola**, [s. l.], 2025. Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/sociologia/direitos-da-mulher.htm> . Acesso em: 21 nov. 2025.

CASTAMANN, D.; DIAS, J. M. de L.; SILVA, P. B. da. O processo de envelhecimento na sociedade capitalista e sua relação com a política para pessoa idosa no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 17., 2022, [s. l.]. **Anais** [...]. [s. l.]: Abepss, 2022.

CARVALHO, A. L. M.; SANTANA, T. M.; ANTLOGA, C. S. M. A invisibilidade do trabalho feminino e a ditadura da juventude: uma análise do filme *A substância* (2024), de Carolie Farjeat. **Revista Acadêmica Online**, Brasil, v. 11, n. 56, p. 1-10, jan./dez. 2025.

CENSO: NÚMERO de idosos no Brasil cresceu 57,4% em 12 anos. **Brasil**, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/censo-2022-numero-de-idosos-na-populacao-do-pais-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 25 set. 2025.

CEPELLOS, V. M. Feminização do envelhecimento: afinal, do que estamos falando? [online]. **SciELO em Perspectiva: Humanas**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2021/09/08/feminizacao-do-envelhecimento-afinal-do-que-estamos-falando/>. Acesso em: 2 abr. 2026.

CEPELLOS, V. M. Feminização do envelhecimento: um fenômeno multifacetado muito além dos números. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, n. 2, p. e20190861, jan./dez. 2021.

CIDADES E estados. **IBGE**, [s. l.], 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/macaee.html>. Acesso em: 22 out. 2025.

CRAS – CENTRO de Referência da Assistência Social. **Macaé**, Macaé, 2025. Disponível em: <https://macaee.rj.gov.br/desenvolvimentosocial/conteudo?id=1813#unidades>. Acesso em: 20 out. 2025.

HISTÓRICO E características. **Rio de Janeiro**, [s. l.], 2025. Disponível em: <https://www.rj.gov.br/ceperj/historico-caracteristicas#:~:text=O%20Rio%20de%20Janeiro%20est%C3%A1,Regi%C3%A3o%20Norte%20Fluminense%2C%20Regi%C3%A3o%20Serrana>. Acesso em: 5 nov. 2025.

FONTES, Marianna. Infraestrutura ainda é precária no Lagomar. **Diário de Macaé**, Macaé, 8 out. 2018. Disponível em: <https://odebateon.com.br/infraestrutura-ainda-e-precaria-no-lagomar/>. Acesso em: 28 out. 2025.

FORTES, Isabele de Brito; DIAS, Júlia Marques de Moraes. A importância da educação ambiental para a conscientização das populações no entorno de unidades de conservação: o caso do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, 2023. **Revista**

Brasileira de Educação Ambiental - Revbea, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 148-170, 2023.

GOMES, Irene; BRITTO, Vinicius. Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. **Agência IBGE notícias**, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 26 set. 2025.

GUIMARÃES, Édson Avelar. Avaliação espaço-temporal da variação da vegetação de restinga: o caso do bairro Lagomar, Macaé – RJ. **Espaço & Geografia**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 114-133, jan./dez. 2021.

JACINTO, P. M. dos S. Notas sobre pobreza, multidimensionalidade e subjetividade. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, ano III, v. 5, n. 13, 2021.

LOPES, Gabriella. O mercado da estética: área da beleza movimenta bilhões todos os anos no Brasil. **LabNotícias**, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://labnoticias.jor.br/2023/02/23/o-mercado-da-estetica-area-da-beleza-movimenta-bilhoes-todos-os-anos-no-brasil/>. Acesso em: 8 out. 2025.

LOPES, L. M.; HOLANDA, J. M. C. Etarismo estrutural feminino e a importância das políticas públicas de enfrentamento ao preconceito contra a mulher idosa no Brasil. **VirtuaJus**, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 55-70, jul./dez. 2023. ISSN 1678-3425.

MERCADO DA estética em 2025: tendências e inovações para crescer nesse novo ano. **UNICESUMAR**, [s. l.], 28 jan. 2025. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/blog/mercado-da-estetica-em-2025-tendencias-e-inovacoes-para-crescer-neste-novo-ano/>. Acesso em: 8 out. 2025.

PARABÓLICA. **A sociedade patriarcal**. *YouTube*, 2019. 19 min. 47 s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8TsriedkX5o>. Acesso em: 14 out. 2025.

PEREIRA, Máira Carvalho. A lógica permanente da acumulação primitiva: expropriação e desigualdade de gênero no capitalismo. *In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE*, 9., 2025, Vitória da Conquista. **Anais [...]**. Vitória da Conquista: UESBA, 2025.

PORFÍRIO, Francisco. "Feminicídio". **Brasil Escola**, [s. l.], 2025. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm>. Acesso em: 21 nov. 2025.

SILVEIRA, Julie. Prefeito realiza visita técnica no Lagomar. **Macaé**, Macaé, 25 jul. 2021. Disponível em: <https://macae.rj.gov.br/noticias/leitura/noticia/prefeitura-realiza-visita-tecnica-no-lagomar#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20prefeito,cerca%20de%2040%20mil%20habitantes>. Acesso em: 28 out. 2025

SILVA, Alessandra Teixeira da Cunha; SILVA, José Fernando Siqueira da. A mulher trabalhadora idosa na sociedade capitalista contemporânea. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS*, 18., 2025, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: CBAS, 2025.

SILVA, Enaire de Maria Sousa da; COLARES, Patrícia Sousa. Desigualdade de gênero no Brasil: dos processos históricos às expressões contemporâneas. **Revista Ciência & Contemporaneidade**, [s. l.], Edufor, p. 75-93, jan./jun. 2024. Disponível em: <https://saoluis.edufor.edu.br/uploads/repositorios/files/2024/08/desigualdade-de-genero-no-brasil-dos-processos-historicos-as-expressoes-contemporaneas-11.pdf>. Acesso em: 14 out. 2025.

SILVA, L. V. da. **Desafios enfrentados por mulheres ao ocupar cargos de liderança no mercado de trabalho**. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão Comercial) – Instituto Federal da Paraíba, Campus Guarabira, 2024.

SILVA, S.; RODRIGUES, T. de F. As dimensões de classe e gênero no envelhecer no Brasil: apontamentos teóricos. *In: CONGRESSO NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS*, 5., 2024, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ABEPSS, 2024.

SOLICITAR APOSENTADORIA por tempo de contribuição. **Brasil**, [s. l.], 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/solicitar-aposentadoria-por-tempo-de-contribuicao>. Acesso em: 20 out. 2025.

Revista Goitacá, v. 5, n. 1, p. 1-20, jan- jun/ 2026.

TAVARES, Alice Ferreira. **Imaginando territórios e identidades**: descontinuidades e percepções sobre cidade de Macaé. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) – Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, UFF, Niterói, 2022.

TEIXEIRA, S. M. O Envelhecimento e as Reformas no Sistema de Seguridade Social no Brasil Contemporâneo. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 126-137, jan./dez. 2018.

TOLEDO, D. L. L.; REIS, V. A. A feminização da pobreza: crise capitalista e insuficiência neoliberal. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 10. ENCONTRO NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 17., 2024, Vitória. **Anais** [...]. p. 27-29. Vitória: Ufes, 2024.

YAZBEK, M. C. A pobreza no Brasil contemporâneo e as formas de enfrentamento. **Revista de Políticas Públicas**, UFMA, São Luís, v. 9, n. 1, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&id=W1983716107>. Acesso em: 5 maio 2026.

NOTAS

* Ketnen Rose Medeiros Barreto

Doutora em Serviço Social.

E-mail: ketnenrose@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0001-9534-4284>

** Karla Dias Barbosa

Bacharel em Serviço Social

E-mail: karladiasbarbosa@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-5804-7671>.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO:

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM:

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES:

Não se aplica

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Revista Goitacá os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 Internacional. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal Fluminense. Publicação no Portal de Periódicos UFF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Ana Claudia de Jesus Barreto

HISTÓRICO

Recebido em: 15-05-2026 – Aprovado em: 02-06-2026 – Publicado em: 30-06-2026.